

Folha de S. Paulo

20/1/1985

Indenização aos bóias-frias espancados

Eduardo M. Suplicy

O trabalhador rural Roberto Gerônimo, 29, foi brutalmente espancado por policiais militares ao ser detido, sábado passado, às 6h30 da manhã, quando participava de um piquete na rodovia Brigadeiro Faria Lima, em Jaboticabal. Em seguida, na delegacia, os policiais apontaram para o chão dizendo que era seu um pedaço de papel de cigarro "Elmo" acondicionado 4,5 gramas de maconha, e que distava 5 metros de Roberto Gerônimo. Os policiais, não contentes com a surra que já haviam dado no trabalhador indefeso, com fortes ponta-pés no estômago e nas costas, com ele no chão, segundo viram diversas testemunhas, tentaram forjar algo semelhante ao que fizeram aqui em São Paulo com o deputado Sérgio dos Santos.

Roberto Gerônimo, entretanto, ficou preso na cadeia de Jaboticabal durante seis dias, enquanto sua mulher, Maria Célia Staone Gerônimo, 24, não tinha como se alimentar nem dar de comer adequadamente aos seus dois filhos de 3 e 4 anos, todos eles residentes numa "casa" de um único cômodo, de 2,5 por 3 metros, no bairro Caixa-D'água, dormindo os quatro numa única cama de casal. Moram atrás da casa da sogra. Seus únicos pertences, além da cama e colchão, são um aparelho usado de TV que comprou por Cr\$ 70 mil na última safra, um guarda-roupa, um fogão, uma penteadeira e poucas roupas.

Ao visitar um dos bairros onde moram os trabalhadores rurais em Jaboticabal, com os professores José Jorge Gebara e José Giacomo Baccarin, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da cidade, deparemo-nos com a sra. Aparecida Gerônimo, mãe de Roberto, que estava desesperada porque seu filho, machucado, estava preso desde sábado. Depois de visitar o detido que nos explicou o que de fato havia ocorrido, fomos ao fórum. Lá o promotor Rafael Valentino Gentil não teve dúvidas em descaracterizar o que havia sido registrado na acusação: como se o detido fosse responsável não apenas pelo forjado porte, mas por tráfico, o que impediria até mesmo a sua libertação sob fiança. Compreendendo o que se passara, o juiz Antônio Carlos Morello determinou a imediata libertação de Roberto Gerônimo, sem fiança, ainda que intimado a depor.

Testemunharei o encontro emocionado de Roberto Gerônimo com sua mãe e, posteriormente, com sua esposa. Fez questão de mostrar seus recibos de salários da Fazenda Santa Clara, para a qual cortou cana na safra passada. Em agosto, por 193 toneladas, por exemplo, recebera Cr\$ 323 mil. Nesta fase de entressafra, entretanto, a situação estava preta, sem oportunidades de emprego. A última vez que Maria Célia conseguira um emprego na roça, há três meses, recebera apenas uma diária de Cr\$ 4 mil.

Roberto Gerônimo, que é líder de torcida do Atlético de Jaboticabal, achava que a greve era um movimento justo para quem estava naquela condição, e por isso empenhara-se nos piquetes, onde chegou a ver alguns companheiros atirarem pedras quando a polícia agiu. Ele, porém, sem qualquer arma, pedaço de pau ou pedra, resolveu ficar parado quando o policial lhe apontou o revólver. Na opinião de Roberto, o policial que lhe agrediu já estava de olho nele, pelas artes que apronta, como torcedor, no campo de futebol. Ou talvez porque alguém — se não foi o governador ou o secretário da Segurança — instruiu os policiais a agredirem os trabalhadores.

Pior ainda foi a sorte de Domingos Dias Bicalho Filho, aquele que as imagens de TV mostram sendo agredido por policiais em todos os lados do corpo, em Guariba. Nascido em 1960, em

Cristália (MG), ele trabalha desde 1980 para a Agro Pecuária Monte Sereno S/A, pertencente à Usina San Matinho.

Seu último salário registrado em 19/11/84, é de Cr\$ 1.371 por hora normal. Domingos Dias Bicalho Filho, solteiro, divide um quarto de 2,5 por 3 metros com outro companheiro, pagando Cr\$ 20 mil mensais de aluguel. Para sua alimentação, inclusive a que leva para o trabalho, paga Cr\$ 90 mil por mês. Seus pertences são uma cama, uma mala velha, algumas calças e camisas, apenas um pulôver, alguns podões de cortar cana que já lhe provocaram alguns cortes, como é comum nesse trabalho.

Recuperando-se de seus ferimentos, ainda com dores, foi impossível para ele trabalhar nesta semana. Pior, esquecera de mostrar, na perícia médica, que a sua dentadura fora quebrada pela cacetada que levou na boca, onde precisou levar cinco pontos.

É necessário que o Governo de São Paulo faça um completo levantamento de todos os que sofreram agressões, para indenizá-los pelos danos morais e materiais, pelos dias que ficaram impedidos de trabalhar. Que providencie não apenas uma nova dentadura para Domingos Bicalho, mas também um diagnóstico e as soluções para que o desenvolvimento da agricultura de São Paulo não seja mais dependente de um aterrador estado de miséria dos que fazem o trabalho mais árduo do campo.

(Primeiro Caderno — Página 36)